



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

Luciana Ferreira Leal

Universidade Estadual do Paraná

orcid.org/0000-0002-7139-6765

luciana.leal@unespar.edu.br

Resenha

Uma narrativa em verso: Conto para uma só voz (2020) de João Anzanello Carrascoza

RESUMO: Neste texto apresenta-se a resenha do livro Conto para uma só voz, publicado pela editora Nós em 2020, que traz experiências trágicas do dia a dia sob o olhar apurado de João Anzanello Carrascoza. Esse livro foi escrito em residência literária que o autor fez na Sangam House, na Índia e reúne uma história delicada, que trata de experiência dolorosa, descobertas e aprendizados do ser humano. Trata-se da dor/amor de um pai que perde o filho criança. Com uma linguagem fluida e poética e por meio de experiências subjetivas e intimistas, a prosa de Carrascoza é apresentada em verso e possibilita a caminhada do leitor para o interior de sua própria existência e olhar atento para questões esquecidas.

Palavras-chave: Conto; Verso; João Anzanello Carrascoza.



João Anzanello Carrascoza nasceu em Cravinhos (SP), em 1962, e escreve romances, contos e livros infantis e juvenis. Descobriu a paixão pela literatura desde menino, tanto com as histórias que o pai lhe contava quanto nos livros da pequena biblioteca de sua mãe. Em São Paulo, cursou publicidade e atuou como redator publicitário durante quase três décadas, em grandes agências de propaganda do país. Mestre e doutor pela USP, hoje dedica-se à docência na USP e na ESPM e escreve para todos os públicos, com textos traduzidos para inglês, francês, italiano, croata, sueco, espanhol, entre outras línguas.

Carrascoza tem mais de 40 livros publicados. Sua produção inicial foi de poemas. As obras infantis *As flores do lado de baixo* e *De papo com a noite* foram publicados em 1991. Depois, vieram as narrativas adultas e, embora tenha estreado na literatura com as obras infantis, só foi se dedicar a este gênero mais tarde. Publicou duas coletâneas de poemas em edições independentes. Em entrevista, o escritor considera que o contato inaugural com a poesia acabou por desaguar em sua prosa. Ainda antes de estrear em livro, publicou vários contos curtos para adultos em revistas e suplementos literários.

Recebeu três vezes o prêmio Jabuti, três vezes o prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, três vezes o prêmio da Fundação Biblioteca Nacional (Hors-Concours em 2020) e o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte. Também recebeu os prêmios internacionais Radio France (RFI, Paris) e *White Ravens* (Library Munich, Alemanha).

Sua prosa não é de crítica social, mas de intimismo e por isso caminha quase que na contramão da literatura brasileira contemporânea. Se a tônica da literatura na contemporaneidade é a crise, o medo, a ansiedade e a violência nos grandes centros urbanos, por meio de um realismo exacerbado, a prosa de Carrascoza é subjetiva. As situações são ordinárias e familiares e as relações humanas são momentos de construção de aprendizados, de beleza e de lirismo.

O livro *Conto para uma só voz* traz a experiência trágica de um pai que perde o filho criança. Não se sabe do que o filho morreu, porque essa informação não importa, o que importa é a dor de quem fica. E também porque o que constitui uma história é o que lhe



falta. O narrador relata o sofrimento do pai, protagonista não nomeado, um dia após o falecimento do filho, o seu acordar, levantar, o ir à cozinha para a refeição principal do dia. Para isso, tem de passar em frente do quarto do filho. A vida que se inicia com a dor da perda do único filho. A história é dolorosa, mas é trazida ao leitor com suavidade e poeticidade.

Que importa a maneira
como seu filho foi embora,
se a manhã seguinte,
com seu sólido sol,
funcionará igual [...] (CARRASCOZA, 2020, p. 81)

303 João Anzanello Carrascoza espelha a transformação íntima dessa personagem pai. Um ser simples, cuja grandiosidade está em decidir seguir, apesar da dor que o invade. A não nomeação das personagens, característica da escrita desse autor, também denota a representatividade de muitos pais que perdem seus filhos em situações adversas. No texto, várias são as citações dos clássicos que eternizaram suas histórias e sua arte: Homero, Dante, Camões, Eliot, Michelangelo. Nesse livro, esse grande escritor também eterniza a história desse pai que terá de sair dos lençóis, um dia após a morte de seu filho e dar “bom dia às brasas” (CARRASCOZA, 2020, p. 52).

Carrascoza é destacado como uma das maiores vozes da literatura brasileira contemporânea. Com uma prosa que se assemelha à oralidade e carregada de poesia, o autor nos mostra que a dor da perda está repleta de significado e que o triste também pode ser belo. Com uma prosa que mais parece poesia, o autor consegue transformar o tema mais doloroso que possa existir – a perda de um filho – em metáforas que transbordam a beleza e efemeridade do existir.

As cores sóbrias da capa e da contracapa (cinza, branco) sem nenhuma ilustração (apenas um retângulo em branco no cento), o título do livro e o nome do autor escritos em preto na capa e dos dizeres profundos: “Se é esse ou aquele que vai primeiro, importa é o vazio de quem fica” em preto, na quarta capa conotam elementos que conferem à publicação uma atmosfera adulta. Este livro é um convite à leitura de literatura. Literatura sem adjetivos. No entanto, a ausência de ilustração no

livro, somada à temática retratada e à idade do protagonista confere uma atmosfera adulta à obra.



Figura 1: Capa e quarta capa de *Conto para uma só voz* (2020)



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2021.

304

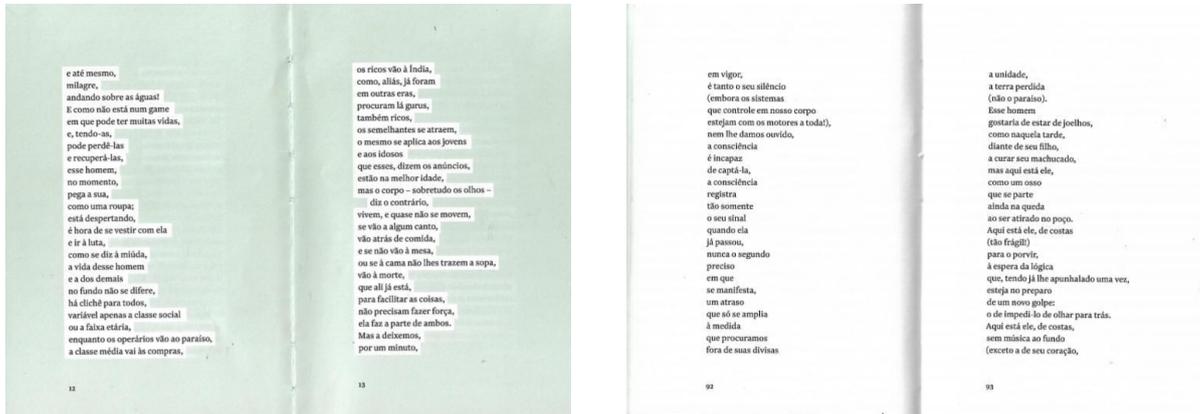
A cor cinza é resultado da mistura do branco e do preto e tem valor residual: o que sobra quando acaba o fogo, quando acaba a vida. Ou seja, está relacionada à morte, ao mesmo tempo, está relacionada à vida, à renovação cíclica: “os heróis Gêmeos do Popol-Vuh transformam-se em cinzas antes de ressuscitar como pássaro fênix”, de acordo com o *Dicionário de Símbolos* de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2000, p. 248). O renascimento faz-se a partir das cinzas na mitologia da Fênix e nos heróis dos índios da América Central. Também, na tradição cristã, a cinza benta é sinônimo de ressurreição e de vida após a morte. Os rituais de consagração de novas igrejas incluíam a utilização de cinzas abençoadas. Assim, esse pai triste e melancólico, como na metáfora de dia de chuva, enevoadado e chuvoso, sem alternativa, renova-se ciclicamente à vida.

A formatação gráfica é bem original. Com 112 páginas, a história é apresentada ao leitor em onze partes. Em cada parte, que varia de 6 a 16 páginas cada uma, a história é contada na



forma de um longo poema. A página é colorida num tom de cinza esverdeado (apenas o texto em preto tem em volta a cor branca) que vai diminuindo a tonalidade, chegando à cor branca nas últimas páginas, quando o pai, resolve dar o primeiro passo.

Figura 2: Páginas do livro *Conto para uma só voz* (2020)



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2021.

305

O título reduz em uma única frase tudo o que se tem: *Conto para uma só voz*. A dor é individual, contada numa só voz. A partir do formato desse livro, o leitor é convidado a contemplar o mistério da morte e da vida como quem contempla a paisagem, de lado, no banco de um carro. Com profundidade, proximidade e poeticidade, Carrascoza faz desse contemplar um exercício de entendimento de diferentes realidades. Ele encaminha e leva o leitor. Por meio da tempestade, faz com que ele sinta os pingos de chuva, o amor da proximidade de um filho com o pai e as lágrimas do pai que perde o seu único filho. Evidencia que algumas coisas se transformam de repente.

Com uma linguagem ágil e uma arquitetura ficcional inovadora, Carrascoza, por meio de uma prosa poética, apresenta uma narrativa escrita em versos, constrói cuidadosa reflexão sobre a dor de um pai, revelando uma relação de amor que se constrói pela vivência, diferente da relação entre mãe e filho que nascem se amando, por conta da relação construída durante a gestação. O texto comove, com a pungência da escrita desse autor:

Pensar na morte é pensar na vida e no que há nela:
um rio não é só suas águas,

UMA NARRATIVA EM
VERSO: CONTO PARA
UMA SÓ VOZ...
Afluente, UFMA/CCEL, v.7, n.20,
p. 05-18, jan./jun. 2022
ISSN 2525-3441

é também o que elas arrastam,
pedaços de galho na superfície,
seixos em roldão lá embaixo. (CARRASCOZA, 2020, p. 20)



Apenas quem perdeu alguém próximo sabe a dor que é lidar com essa ausência. Vários sentimentos envolvidos, o caos instaurado e a necessidade de reconstruir o mundo sem a pessoa amada. Sem o filho, o vazio desse pai é imenso. “[...] é preciso ter muita vida em nós/para saber que o mundo não é menos mundo/se alguém que amamos se foi”. (CARRASCOZA, 2020, p. 70). A literatura faz viver. E uma história triste como essa do livro impacta e ensina. Aprende-se com a literatura, porque se aprende o que não viveu. E esse é o grande poder da literatura e seu aspecto mais interessante: aprender a sentir sem ter vivido. Aprender que o mundo segue igual, mesmo quando se perde o seu maior amor e que é no silêncio, e não no grito, que se vive a morte.

[...] uma história não vale por si,
mas pelo que produz no outro,
se desilusão ou encantamento,
se muito ou pouco. (CARRASCOZA, 2020, p. 38).

306

O seu amor está morto. E esse pai sente que sua vida está acabada, sente que morreu antes da sua própria morte. O pai relembra os momentos vividos com o filho, a criança que lhe provoca um sobressalto na vida e no mundo: o passeio no parque, a festa junina da escola, os programas de TV assistidos em família, “[...] para o pai/ é a vida doendo a todo instante” (2020, p. 38). Mas a vida continua, na sua fria indiferença e seja qual for o pai: “[...] terá de tocar nesse fogo/ (que queima com frieza)” (CARRASCOZA, 2020, p. 46). Na lembrança do passeio ao parque, o menino cai da bicicleta, foi a sua primeira queda, porém não foi fatal. O pai cuida do menino, faz-lhe curativo e ele retribui com um afago na cabeça do pai.

O pai, de repente,
tinha o filho pronto
para nascer nele,
e o menino, então, nasceu,
- para morrer ontem! (CARRASCOZA, 2020, p. 38).

Poderá ter havido outra queda, com desfecho trágico e irreversível.



O livro conta a história dessa dor, dessa falta, dessa saudade que não diminui, porque não tem fase minguante, “[...] é crescente todo dia,/quanto mais o tempo passa/maior a sua supremacia” (CARRASCOZA, 2020, p. 74). A fatalidade do destino se impõe. O fatalismo, o grande valor conferido ao destino, enquanto impulso de aniquilamento, com a sucessão inevitável de acontecimentos relacionada à ordem cósmica:

[...] o destino
de cada um
só a ele cabe,
o destino é o fato na sua hora exata,
o quase posto de lado,
o triz que falha,
o destino é
o vidro entre a janela e a paisagem. (CARRASCOZA, 2020, p. 82)

O destino conduz à vida de acordo com uma ordem natural (apesar de não ser natural o pai perder um filho ainda criança), segundo a qual nada do que existe pode escapar.

307

Na concepção de Antonio Candido, da função formativa da literatura, a produção literária de Carrascoza forma, com um texto que impacta pelo seu caráter estético. Ele produz uma obra poderosa, que sabe ser criteriosa na abordagem dos temas e rigorosa na carpintaria literária, sendo capaz de inaugurar rotas novas de ação que avancem além do texto, como por exemplo, no formato em que o livro é apresentado.

O leitor termina esse livro com a sensação de que a saudade de uma pessoa amada que se perdeu cresce mais a cada dia. O pai sente saudades da vida cotidiana que muitas vezes nem se percebe, só se vive, como por exemplo, do diálogo trocado num momento de refeição em que o pai pergunta se o menino quer mais arroz e o filho pede-lhe feijão. Mas é preciso dar o primeiro passo, como o protagonista dessa narrativa. Só assim, e aos poucos, a dor vai se anestesiando:

[...] ninguém poder amenizar
a dor desse pai
senão a própria,
ao atingir o ápice
ela o anestesiará” (p. 100)



Vida, morte, presença, ausência e saudade são as temáticas que perpassam o livro. A saudade que começa e que terá de ser suportada. A linguagem é envolvente e sedutora e caminha para o ápice do trabalho estético da arte de escrever. A linguagem é desautomatizada, nova. A história é contada em versos e a carga poética é impressionante:

Esse homem,
e qualquer outro,
veio dotado de um aparelho sutil,
a memória,
que se é dádiva numa ponta,
na outra é maldição,
toda moeda tem seu verso
- a de deus, certamente, é o homem - [...] (CARRASCOZA, 2020, p. 19)

Em todo o texto, há a sugestão da rapidez e da intensidade do momento: da vida e da morte, expressa na história e na sua apresentação: poucos pontos, muitas vírgulas e versos curtos. O narrador em terceira pessoa e onisciente, apresenta o futuro desse pai:

[...] por ordem de deus
ou por uma lei que governa o universo,
o pai terá, também,
de sair desse banquinho
e recomeçar a sua jornada,
a ele cumpre viver
o que lhe falta da sua história, e o que é seu [...] (CARRASCOZA, 2020, p. 87)

Um banho de mar, uma viagem ao Oriente acompanhada do extravio de sua mala. Um acidente de trânsito que trará consigo um osso quebrado. É a vida que esse pai viverá, apesar da sua intensa dor, apesar de tudo o que o filho não viveu e que morreu com os dois e, por fim, apesar da ausência que tudo muda, porque afinal, como lembra o autor, “[...] a ponta da linha contém o novelo inteiro.” (CARRASCOZA, 2020, p. 27)

Falando direto com o leitor, o texto o incita a fechar o livro, voltar às páginas iniciais ou seguir. Com o coração aos pinotes, o leitor irá seguir, apesar de já perceber que irá doer:

[...] metade dos leitores fecham o livro



nessa parte,
outra metade sequer liga
para o que foi contado antes. (CARRASCOZA, 2020, p. 29)

Da mesma forma que o pai seguirá, mesmo sabendo que não deu tempo de ensinar o filho a fazer a barba ou dar nó na gravata.

Nesse livro resenhado, há um excelente nível de trabalho com a linguagem. Leve, suavizante, a linguagem é altamente poética. A linguagem é bem elaborada e dialoga com a produção literária de alta qualidade. Há fragmentos estéticos que demonstram a consistência no tratamento dado à questão da linguagem. O movimento que se empreende em *Conto para uma só voz* (2020) é o da dor de um pai condensada e imortalizada na perda de um filho. A vida que, muitas vezes, só é sentida quando é perdida, quando sai do ser, quando vai embora.

Em toda essa obra não prevalece a orientação pedagogizante mas, contrariamente a essa proposição, o contato com a língua é provocador, crítico, original e prazeroso. Lindo de ler! Vale o amor, a dor e a descoberta que essa leitura proporciona.

309

REFERÊNCIAS

CARRASCOZA, João Anzanello. *Conto para uma só voz*. São Paulo: Editora Nós, 2020.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. 15 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

Recebido em 15 de abril de 2021.

Aprovado em 12 de janeiro de 2022.

A NARRATIVE IN VERSE: CONTO PARA UMA SÓ VOZ (2020) DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

Abstract: This text presents the review of the book *Conto para uma só voz*, published by Nós in 2020, that brings tragic

UMA NARRATIVA EM
VERSO: CONTO PARA
UMA SÓ VOZ...
Afluente, UFMA/CCEL, v.7, n.20,
p. 05-18, jan./jun. 2022
ISSN 2525-3441

experiences from day to day under the keen eye of João Anzanello Carrascoza. This book was written in a literary residency that the author did at Sangam House, in India and brings together a delicate story, which deals with the painful experience, discoveries and learning of the human being. It is the pain / love of a father who loses his child. With a fluid and poetic language and through subjective and intimate experiences, Carrascoza's prose is presented in verse and makes it possible for the reader to walk into his own existence and to look closely at forgotten questions.



Keywords: Tale; Verse; João Anzanello Carrascoza.